

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

BARBOSA, Gabriele

FRANÇA, Gustavo Thyllon

RESUMO: Este artigo ora apresentado tem como objetivo apresentar de forma sistematizada e organizada os estudos realizados sobre as principais formas de alfabetizar crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. Ao longo deste artigo será introduzido o histórico, características e principais métodos de alfabetização a respeito das condições do Transtorno do Espectro do Autismo, colaborando para o enriquecimento conceitual, bem como incentivando o debate acerca dos métodos existente para a efetiva alfabetização e inclusão da criança com TEA. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, pois irá abordar aspectos relevantes para a efetiva alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA, características e metodologias que facilitam o processo de alfabetização do aluno com TEA. Com este artigo, espera-se que docentes e discentes tenham a possibilidade de novos métodos e facilidades para que o processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo seja eficaz e produtivo. Também que descubram o histórico e as principais características do Transtorno do Espectro do Autismo.

Palavras-chave: Processo de alfabetização; Transtorno do Espectro do Autismo (TEA); métodos de ensino;

1. INTRODUÇÃO

Historicamente observou-se que o Transtorno do Espectro do Autismo desde seus primórdios é considerado e denominado como um distúrbio ou "idiotia", o qual possui características comportamentais bem específicas, tais como dificuldade em relacionar-se afetivamente com o meio e as pessoas deste meio,

falta ou pouca comunicação e solidão extrema. Como o próprio termo de origem grega diz que “idiotia”, tem o mesmo significado de “autismo”, este termo descrevia uma pessoa que vivia isolada em seu próprio mundo, uma pessoa com características específicas do distúrbio (STELZER, 2010).

Com o passar dos anos, o autismo começou a ser cada vez mais reconhecido pela medicina, entretanto por muitos anos crianças diagnosticadas com esse transtorno não eram aceitas nas sociedades, assim passando por muitas situações desumanas. No ano de 1930, o médico psiquiatra, Leo Kanner, no estudo sobre as psicoses infantis, ao analisar seis crianças para apresentar sobre o Transtorno do Espectro do Autismo em seu futuro artigo apresentou informações e dados relacionados ao TEA. A partir de então, os estudos do Transtorno de Espectro do Autismo, também conhecido como TEA, tiveram seus avanços na sociedade vigente da época até a atualidade.

Com os avanços dos estudos sobre o TEA, as crianças diagnósticas adquiriram alguns direitos, como o reconhecimento na sociedade e a diferenciação entre as psicoses infantis e o Transtorno do Espectro do Autismo, obtendo assim tratamentos específicos, entretanto, esses direitos ainda eram mínimos, pois o acesso à escola era limitado e em alguns casos vetados. Nos dias atuais, ainda observamos casos de escolas onde o acesso de crianças com este diagnóstico é vetado, porém, esse acesso não pode ser negado, pois o gestor que recusar a matrícula pode pagar uma multa, como expresso no artigo 7, da lei nº 12.764:

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. (BRASIL, 2012, p. 2)

Neste sentido, este trabalho possui como a seguinte questão norteadora: quais fatores potencializam o processo de ensino-aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro do Autismo?

Este tema é de grande relevância para a educação e a sociedade, pois crianças diagnosticadas com TEA, mesmo com os grandes avanços, ainda são vistas como seres incapazes e que não possuem direitos.

Por esse motivo a linha de pesquisa irá trazer leis, dados e infográficos sobre esse suporte que as pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo

devem ter, o qual acaba que não sendo executado, assim dificultando o processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com este transtorno.

Este tema surgiu, pois, o processo de alfabetização em si já é um processo desafiador, no qual o aluno passa por experiências e supera as limitações próprias do aprendizado. Com as crianças do espectro, esse processo acontece de modo diferenciado e a falta de suporte legal e pedagógico dificulta o desenvolvimento deste.

Com essa linha de pesquisa, será analisado e identificado os principais obstáculos para uma efetiva alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA. Portanto, o presente trabalho irá tratar sobre as principais características do Transtorno do Espectro Autista; como ocorre o processo de alfabetização de crianças com este transtorno; qual é o papel do Professor de Atendimento Especializado no processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA e apresentar hipóteses a serem trabalhadas com os alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo.

O tipo de pesquisa que foi tomada como base neste trabalho foi uma Revisão de Literatura, no qual foi realizada uma consulta a livros, dissertações e por artigos científicos selecionados através de busca nos seguintes base de dados (livros, sites de banco de dados, etc.) “Baptista e Bosa (2002), “Kanner (1943)” e “Defendi (2016)”, o período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos “15” anos. As palavras-chave utilizadas na busca foram: Processo de alfabetização, Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e professor de atendimento especializado.

Desta forma, é de grande relevância para a educação e a sociedade, pois crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo mesmo com os grandes avanços, ainda são vistas como seres incapazes e que não possuem direitos.

2. RECONHECENDO O PROCESSO HISTÓRICO DOS ESTUDOS RELACIONADOS AO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Pontualmente observou-se que o Transtorno do Espectro do Autismo

começou a ser estudado e analisado com mais cautela na década de 1930, quando Leo Kanner (1943) analisou onze crianças, cujo distúrbio era “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (Kanner, 1943, p. 242; apud Ministério da Saúde) e escreveu o primeiro artigo sobre o transtorno. Até este momento, o Transtorno do Espectro do Autismo era rotulado na sociedade como distúrbio mental, comparado assim com a esquizofrenia.

No decurso de seu artigo, Kanner (1943) descreveu algumas características contraditórias, como em um determinado momento que algumas das crianças analisadas não desenvolveram a fala, em seguida que algumas delas usavam a fala para representar algumas vontades. Contudo, elas possuíam a capacidade de expressar-se por meio da fala, mas essa construção linguística (fala) só fazia sentido dentro de um contexto, o qual era pré-definido pela própria criança.

Leo Kanner (1943) defendia que as crianças possuíam uma determinada incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo e biológico com os demais, mas também que a personalidade dos pais e o modo como estabelecem relações com as crianças era um dos fatores de origem do transtorno.

Posteriormente, Hans Asperger (1943), escreveu um segundo artigo sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, o qual era intitulado como “Psicopatia autística na infância”. Nele, foi descrito quatro crianças que apresentavam como principal sintoma o transtorno no relacionamento com o espaço e com o outro. Asperger descreveu em seu artigo as características analisadas, como a pouca expressão gestual, movimentações estereotipadas e movimentos repetitivos.

Com o passar dos anos, o autismo começou a ser cada vez mais reconhecido pela medicina, pela psiquiatria e pela neurologia. Na década de 70, com o aumento do interesse dos pesquisadores pelo estudo do Transtorno, passou-se a construir-se uma perspectiva psicanalista do tema, podendo citar como exemplo, Margareth Mahler (1897-1985), que diferenciou a psicose infantil autista da psicose infantil simbiótica (Mahler, 1952). A partir de então, o autismo foi descrito como um desvio do desenvolvimento, entretanto ainda era entendido como um “fracasso” na relação do bebê com os familiares e não como um

transtorno diagnosticado clinicamente. O autismo era relacionado a inadequada socialização entre família e bebê, assim implicando a compreensão de que a família não cumpriu sua função adequadamente.

Contudo, as concepções sobre o Transtorno do Espectro do Autismo sofreram importantes modificações com o passar dos anos. O autismo obteve maior compreensão a partir de dois avanços, sendo eles: o estudo com crianças pequenas e o estudo a partir de filmes, os quais eram filmes caseiros do cotidiano de famílias com crianças diagnosticadas com autismo. A partir de então, pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo passam a dar depoimentos e escrever sua história relatando suas vivências, tornando-se protagonistas juntamente aos familiares do campo psiquiátrico, desenvolvendo concepções e pesquisas com foco nos comportamentos e aspectos relacionados ao transtorno.

Ao longo dos anos de 1980, as concepções sobre o TEA passaram a ser estudadas e analisadas por escolas francesas, as quais compreendiam o Transtorno do Espectro do Autismo como uma relação entre o sujeito e a linguagem, analisando como articulam-se a linguagem e o corpo. Durante alguns anos vários teóricos estudaram a Síndrome do Espectro do Autismo obtendo definições próximas umas das outras, a fim de aprimorar os estudos foram elaborados livros e artigos que abordavam este assunto.

No Brasil, o conhecimento sobre o TEA foi disseminando-se de forma gradual, pelos conceitos de Kanner (1943), pelas escolas francesas ou ainda por outras abordagens surgidas ao longo dos anos. O aparecimento de associações no país também foi um aspecto que se desenvolveu gradualmente, somente em 1983 que surgiu a primeira, nomeada Associação de Amigos de Autistas do Brasil, a AMA-SP.

No decorrer dos anos, as associações foram evoluindo e consecutivamente o estudo sobre a Síndrome do Espectro do Autismo também. Com isso, em 1989, a Associação Brasileira do Autismo realizou o primeiro Congresso com a temática sobre a síndrome. A partir de então, o Espectro do Transtorno do Autismo tornou-se mais visível com novos estudos e desenvolveu-se até os dias atuais.

3. AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS ASPECTOS CLÍNICOS E DIAGNÓSTICOS DO TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é classificado em seu manual intitulado DMS-5 como transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, uma alteração neurológica que modifica o desenvolvimento da criança. O TEA “é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que deve estar presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais” (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013, p. 558).

O TEA é diagnosticado a partir dos três anos de idade por meio de diversas especialidades médicas que acompanham o indivíduo realizando exames, atividades e teste, como neurologistas, psicopedagogos, pediatras, entre outros, assim identificando clinicamente características próprias do transtorno.

Entretanto os bebês desde seu nascimento, já apresentam características comportamentais relacionadas ao TEA, como ignorar ou não perceber os sons de fala ou ainda chorar sem nenhum motivo e não diferenciar o que é choro de fome, dor ou sono. O diagnóstico final do Transtorno do Espectro do Autismo é uma descrição dos aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, como descrito por Volkmar e Klin (2005):

O diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo, por sua vez, serve basicamente para descrever e esclarecer alguns aspectos associados ao desenvolvimento da linguagem da criança, situando-a numa categoria de indivíduos sobre os quais uma grande quantidade de informações valiosas foram acumuladas, sobre o curso e prognóstico do transtorno, sobre a resposta aos vários tipos de tratamento e sobre os fatores de risco e proteção envolvidos (VOLKMAR e KLIN, 2005, p.27).

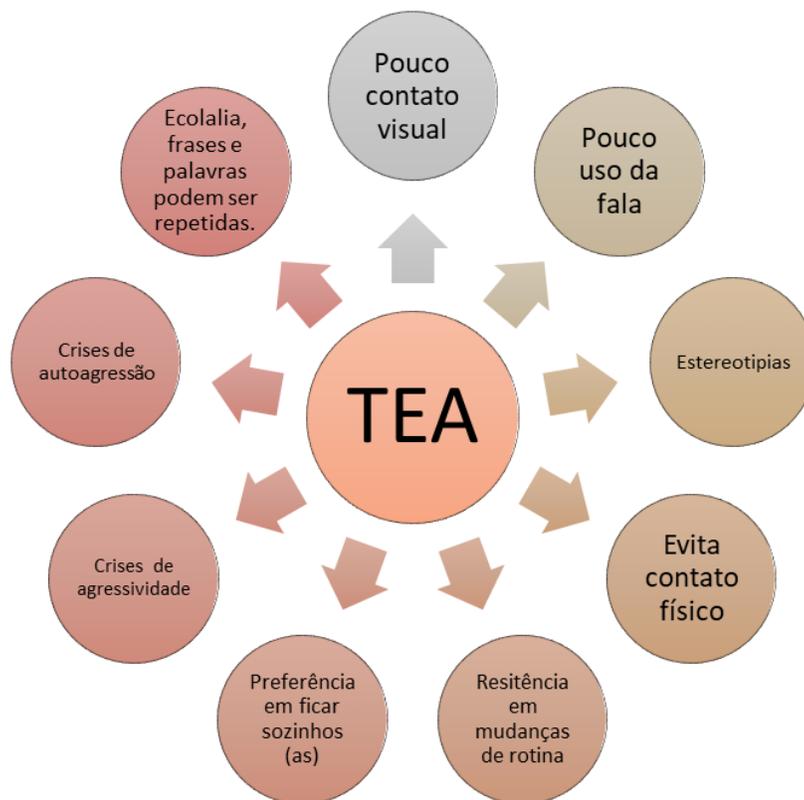
Cada indivíduo diagnosticado com TEA apresenta sinais e sintomas distintos, mas alguns deles costumam acentuar-se, como estereotipias, preservação de rotinas e pessoas de seu convívio, manipulação digital persistente, olhar fixo, insistência em manter as mesmas atividades de seu dia a dia, interesse e sensibilidade sensoriais, dentre outras características mais presentes nas pessoas com TEA.

Vale ressaltar que algumas destas características podem estar presentes e em outras pessoas não, em alguns casos com maior intensidade e gravidade

diferentes em cada caso. Segundo Schwartzman (2011), “as características básicas do TEA são entendidas como déficits qualitativos e quantitativos, que embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas de interação social, da comunicação e do comportamento”. De acordo com a os principais sintomas do Transtorno do Espectro do Autismo são:

Mesmo com os avanços relacionados aos estudos do Transtorno do Espectro do Autismo, ainda não é possível indicar uma causa responsável pelas características do transtorno e pelo desenvolvimento do mesmo, o qual se caracteriza, portanto, como um apanhado de fatores, pois de acordo com os estudos sabe-se que o TEA se apresenta com uma interação de fatores biológicos e ambientais, como descrito na figura 01, as principais características.

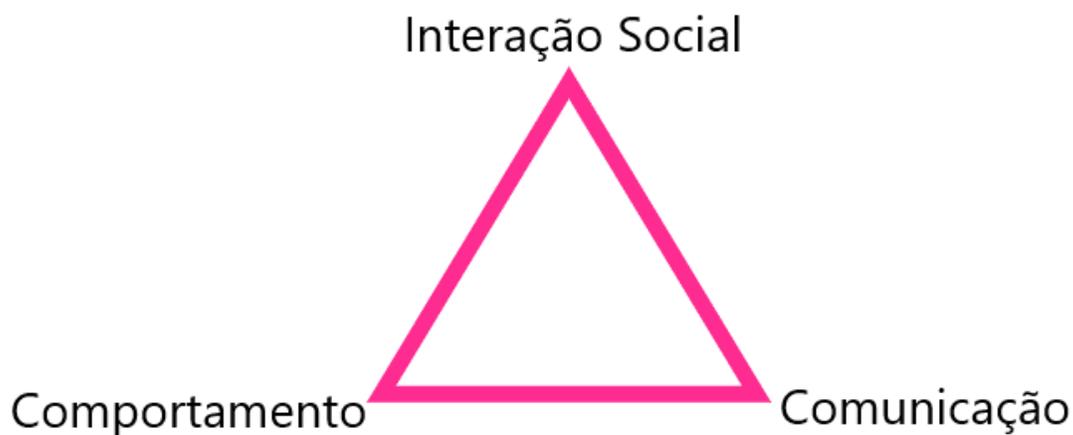
Figura 01 – Características do Transtorno do Espectro do Autismo.



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2019)

Há um triângulo conceitual que norteia o foco clínico como também o foco diagnóstico e escolar do Transtorno do Espectro do Autismo. Trata-se de uma relação entre os fatores apresentados no livro intitulado "Transtorno do Espectro do Autismo - TEA" (2016) escrito pelo Professor Edson Defendi como demonstra a figura 2.

Figura 02 – Triângulo conceitual que norteia o foco clínico do TEA



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2019)

Os aspectos apresentados podem variar de maneira interdependente, ou seja, uma criança pode apresentar comprometimento grave na interação social e no comportamento ser diferente. As crianças diagnosticadas com TEA, apresentam esses três fatores como principais características, sendo eles: comunicação, interação social e comportamento.

A falta ou pouca interação social se dá porque, as pessoas com TEA não possuem uma efetiva interação com o meio onde está inserida, na maioria dos casos, elas criam um mundo delas, assim não interagindo com o meio. A falta ou pouca comunicação com pai, mãe e pessoas de seu convívio é uma das características marcantes.

Algumas pessoas diagnosticadas com TEA não fazem o uso da

comunicação oral e em casos severos não desenvolvem a fala. O comportamento é o aspecto mais interdependente, pois o mesmo varia de acordo com a rotina e o local em que a pessoa está inserida.

A interdependência conta, ainda, com o auxílio de outro aspecto de extrema importância, é este que define não apenas o comprometimento causado pelo transtorno do Espectro do Autismo como também a direção que o tratamento clínico e o tratamento educacional devem ser realizados, este aspecto é a condição intelectual, que varia de caso a caso.

Assim sendo, o Transtorno do Espectro do Autismo tem como principais características a falta ou pouca comunicação verbal e interação social, isto pode variar de acordo com o grau do TEA que a pessoa for diagnosticada.

No caso dos indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo a ampla variação da expressão sintomática requer a obtenção de informações que ultrapassam em muito o diagnóstico categorial, tais como o nível de comunicação verbal e não verbal, o grau de habilidades intelectuais, a extensão do campo de interesses, o contexto familiar e educacional, e a capacidade para uma vida autônoma (VOLKMAR e KLIN, 2005, p.48).

Com os estudos do livro intitulado "Transtorno do Espectro do Autismo - TEA" (2016) escrito pelo Professor Edson Defendi, o TEA não tem cura, entretanto alguns medicamentos podem auxiliar quando existe crises de agressões ou autoagressões e também estes medicamentos auxiliam quando o transtorno vem acompanhado com epilepsia, hiperatividade e outros transtornos.

Os medicamentos devem ser utilizados apenas com prescrição médica, também deve-se fazer o acompanhamento com terapeutas, psicopedagogos e outros médicos e atividades que promovam melhoras relacionado ao desenvolvimento do indivíduo diagnosticado. Mesmo com o uso dos medicamentos e tratamentos com os mais variados médicos, "as características do transtorno tendem a permanecer em maior ou menor grau por toda a vida da pessoa" (DEFENDI, 2016).

4. ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS DE 6 A 7 ANOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ingresso na escola é um processo que requer muita atenção e cuidado, pois representa mudança na rotina e na vida de cada um. Deste modo, com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo essa inserção no ambiente escolar é desafiadora, pois uma das características do TEA é a rejeição em alterações na rotina. Desta forma, no início é comum o choro, a repetição dos movimentos corporais, a irritabilidade, agressões e a recusa ao seguir regras e ordens de qualquer profissional da escola.

De acordo com Belizário e Cunha (2010), essas reações são comuns e esperadas, pois, para a criança com TEA, a escola, as pessoas que ali estão e a vivência escolar em si representam um novo momento, que para alguns casos é de difícil aceitação e compreensão. Dizem os autores:

A escola, naquele momento, é uma experiência desconhecida e de difícil apropriação de sentido e propósito pela criança. Por parte dos professores, a vivência desses primeiros momentos pode ser paralisante, carregada de sentimento de impotência, angústia e geradora de falsas convicções a respeito da impossibilidade de que a escola e o saber/fazer dos professores possam contribuir para o desenvolvimento daquela criança. Mediante as dificuldades iniciais, as escolas recorrem a todo tipo de tentativa de acolhimento ao aluno. Essa é uma atitude absolutamente compreensível, embora sejam importantes alguns cuidados (BELIZÁRIO; CUNHA, 2010, p. 22).

Por estes motivos, o processo de alfabetização se torna mais difícil e trabalhoso, pois primeiramente o professor e toda a equipe escolar devem conhecer e transmitir ao aluno confiança, para que assim o mesmo sinta-se seguro para iniciar uma interação e comunicação com os profissionais responsáveis por este momento.

A atuação dos professores e envolvidos no processo de alfabetização é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, pois se esta intervenção ocorrer de maneira eficaz desde a Educação Infantil, maior será a chance de alfabetizar esta criança.

As intervenções devem necessariamente acontecer por parte da família e pela garantia de que essa criança tenha direito e usufrua de atendimentos

adequados de educação e saúde. Existem alguns programas de intervenção precoce como as terapias ocupacionais e fonoaudiológica que são fundamentais desde a educação infantil para que o período de alfabetização seja menos complexo. Estas intervenções realizadas de maneira correta contribuem e enriquecem o processo de ensino aprendizagem, além de apoiar o professor no atendimento à criança.

Este processo de alfabetização pode efetivamente contribuir para a vivência de novas experiências capazes de levar a criança diagnosticada com TEA a novas aprendizagens e a novos comportamentos. Assim sendo, o professor e os envolvidos devem seguir algumas sugestões de adaptações para que este momento seja de maior significância e eficaz, segundo o manual Saberes e Práticas da inclusão (BRASIL,2003):

- Acolher o aluno com TEA, o que inclui, chamá-lo sempre pelo nome e sentá-lo na primeira fila;
- Elaborar uma rotina e apresenta-la sempre no início das atividades;
- Acrescentar diversas atividades que favoreçam a interação entre todos os alunos no planejamento. Como auxiliar no momento de entregar os materiais aos colegas ou ainda no momento da distribuição dos lanches, solicitar ao aluno com TEA que faça estas atividades;
- Nos casos mais graves de TEA, quando o aluno é diagnosticado com grau elevado, pode apresentar estereotípias e ecolalias, neste caso cabe ao professor, conter o aluno, reconduzindo sua atenção a atividade que estava sendo realizada ou para alguma outra atividade que tenha sentido e significado para o aluno;

Além destas sugestões, o principal fator para que ocorra a efetiva alfabetização é o professor compreender o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo, assim promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecedor, pois essa compreensão é a segurança que o professor fornece ao aluno com TEA.

O vínculo entre o professor e a família é de extrema importância, seja para trocas de informações, ajustes de estratégias ou sugestões e maneiras para desenvolver as atividades pedagógicas. Este vínculo garante a assiduidade do

aluno na escola e a realizações de tarefas escolares e o efetivo tratamento com os diversos especialistas já citados.

Temos também um pilar de maior relevância, o professor de atendimento especializado. De acordo com a Lei nº 12.764, que institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos do Transtorno do Espectro do Autismo", o aluno com o diagnóstico comprovado deve ter um Professor de Atendimento Especializado, este auxilia em todas as atividades realizadas dentro do ambiente escolar.

"Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado." (Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/12/2012, Página 2)

O acompanhante especializado, ou conhecido como professor tutor, deve auxiliar o professor regente da turma em que a criança diagnosticada está inserida em todas as atividades propostas no ambiente escolar, este explicará de forma mais lúdica como desenvolver as atividades de forma eficaz e significativa.

Algumas das atividades relacionadas a alfabetização, são adaptadas para as crianças diagnosticadas com TEA, pois as aprendizagens ocorrem de forma diferenciada, desta maneira cabe ao acompanhante especializado explicar o desenvolvimento da atividade.

O acompanhante especializado também auxilia nos momentos de crise do aluno, de socialização e de integração no ambiente escolar. Assim sendo, o acompanhante especializado auxilia todo o processo de desenvolvimento motor, físico, cognitivo e de aprendizagem do aluno diagnosticado com TEA.

6. POSSIBILIDADES A SEREM TRABALHADAS COM OS ALUNOS DIAGNOSTICADOS COM TEA

Os métodos utilizados para a alfabetização de alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo devem ser relacionados a rotina em que o sujeito está inserido, pois assim, facilita a aprendizagem e a apropriação do conhecimento proposto. Dentre os métodos analisados destacam-se o método PECS, TEACCH e ABA, que utilizam como cerne o desenvolvimento da comunicação e linguagem por meio de imagens.

O método PECS é conhecido ao redor do mundo por estar associado aos componentes que iniciam a comunicação, estes são desenvolvidos por meio de imagens. Os profissionais que utilizam deste método realizam abordagens com os alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo para integrarem-se do dia a dia dos mesmos, para que assim, as imagens utilizadas ao longo do processo façam referência a atividades do cotidiano do aluno, para que o estímulo seja mais eficaz, desta forma, realizando o desenvolvimento da comunicação.

Já o método TEACCH que também é utilizado como alternativa para crianças com desvantagens na comunicação, desenvolve atividades voltadas à linguagem receptiva e expressiva da criança. Pois sabe-se que as crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo não desenvolvem a comunicação ou possuem falha neste quesito, desta forma é realizado estímulos visuais como fotos, figuras ou cartões ilustrados. Também é desenvolvido durante o processo educacional estímulos corporais, para que o aluno desenvolva a fala e a expressão de ideias e sentimentos.

Por fim, apresenta-se o método ABA que incentiva o conhecimento através de materiais concretos, os quais são desenhados e ilustrados, desta forma auxiliando no desenvolvimento do pensamento conceitual, levando o pensamento à abstração. Assim sendo, o método ABA, estimula e desenvolve o pensamento, pois os alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo possuem dificuldades de transformar o que pensam em frases ou demonstrar o pensamento por meio das palavras, por este motivo, este método é de grande importância, pois estimula este quesito do desenvolvimento dos alunos com TEA.

7. METODOLOGIA

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, pois irá abordar aspectos relevantes para a efetiva alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA, características e metodologias que facilitam o processo de alfabetização do aluno com TEA. Richardson (1999 apud BEUREN e RAUPP,2004, p.96) menciona em seu texto que “os estudos que empregam metodologias qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis,

compreender e classificar os processos dinâmicos vividos [...]”. Deste modo, este trabalho visa apresentar hipóteses a serem trabalhadas com os alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

Segundo Severino, pesquisa bibliográfica é aquela que ocorre através de estudos e leituras de obras, artigos, livros e outras pesquisas já realizadas. Neste tipo de pesquisa, são utilizados dados e gráficos de pesquisas já publicadas e discutidas por outros pesquisadores, os quais têm o tema como principal foco de análise.

O presente estudo tem como base o método científico, nesta visão, Lakatus (2003) afirma que o método científico deverá exercer ou cumprir as seguintes etapas:

a) descobrimento do problema ou lacuna num conjunto de conhecimentos. Se o problema não estiver enunciado com clareza, passa-se à etapa seguinte; se o estiver, passa-se à subsequente; b) colocação precisa do problema, ou ainda a recolocação de um velho problema, à luz de novos conhecimentos (empíricos ou teóricos, substantivos ou metodológicos); c) procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes ao problema (por exemplo, dados empíricos, teorias, aparelhos de medição, técnicas de cálculo ou de medição). Ou seja, exame do conhecido para tentar resolver o problema; d) tentativa de solução do problema com auxílio dos meios identificados. Se a tentativa resultar inútil, passa-se para a etapa seguinte; em caso contrário, à subsequente; e) invenção de novas ideias (hipóteses, teorias ou técnicas) ou produção de novos dados empíricos que prometam resolver o problema; f) obtenção de uma solução (exata ou aproximada) do problema com auxílio do instrumental conceitual ou empírico, a pesquisa é dada como concluída, até novo aviso. Do contrário, passa-se para a etapa seguinte; i) correção das hipóteses, teorias, procedimentos ou dados empregados na obtenção da solução incorreta. Esse é, naturalmente, o começo de um novo ciclo de investigação (LAKATOS, 2003, p. 84 apud BUNGE 1980, p. 25).

O tipo de pesquisa que foi tomada como base neste trabalho foi uma Revisão de Literatura, no qual foi realizada uma consulta a livros, dissertações e por artigos científicos selecionados através de busca nos seguintes base de dados (livros, sites de banco de dados, etc.) “Baptista e Bosa (2002), “Kanner (1943)” e “Defendi (2016)”, o período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos “15” anos. As palavras-chave utilizadas na busca foram: Processo de alfabetização, Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e professor de

atendimento especializado.

Desta forma, o presente trabalho irá tratar sobre as principais características do Transtorno do Espectro Autista; como ocorre o processo de alfabetização de crianças com este transtorno; qual é o papel do Professor de Atendimento Especializado no processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com TEA e apresentar hipóteses a serem trabalhadas com os alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre o desenvolvimento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo em relação a efetiva alfabetização, compreender as principais características do TEA e apresentar métodos para este processo de alfabetização.

Para atingir uma compreensão deste estudo definiram-se três objetivos específicos. O primeiro, de verificar as principais características do Transtorno do Espectro Autista, demandou uma análise aprofundada do histórico e do diagnóstico do TEA. Percebeu-se que o Transtorno do Espectro do Autismo, vem sendo estudado desde a década de 1930, entretanto os avanços referentes a este transtorno foram poucos, pois verificou-se que grande parte da sociedade ainda não reconhece as principais características do TEA, assim sendo, não valorizam e incluem de forma efetiva e digna.

Após, foi identificado como ocorre o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo e apresentado métodos para facilitar a integração deste aluno no ambiente escolar. Dentre estes métodos, destacamos o método ABA e o TEACCH, os quais apresentam hipóteses a serem desenvolvidas com os alunos, como atividades com fotos, imagens e desenhos, assim aproximando o aluno diagnosticado com TEA ao conhecimento proposto no ensino regular.

Posteriormente foi especificado os fatores que dificultam o processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo.

Percebeu-se que o fator mais agravante é a falta de professores de atendimento especializado, entretanto nota-se que a lei nº 12.764, que institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos do Transtorno do Espectro do Autismo", prevê a obrigatoriedade do professor de atendimento especializado aos alunos com o diagnóstico comprovado, porém o número de casos descumprindo esta lei é demasiadamente grande, ora por falta de informação dos pais, ora por irregularidade da parte da escola.

Observou-se que os métodos apresentados como ABA e TEACCH são eficazes para a efetiva alfabetização, pois enquadra-se nas habilidades e características propostas no manual Saberes e Práticas da inclusão (BRASIL,2003). Assim sendo, os fatores que potencializam o processo de ensino-aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro do Autismo são os diferentes métodos apresentados, entre eles destacam-se o ABA e TEACCH, pois são métodos que utilizam como cerne as imagens, ilustrações e desenhos para o desenvolvimento da receptiva e expressiva.

Assim sendo, o artigo ora apresentado é de grande importância para a formação de profissionais capacitados para a efetiva alfabetização de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. Observou-se que para artigos futuros, podem-se ser estudados quais políticas públicas são necessárias para auxiliar as famílias, sociedade e profissionais envolvidos no processo de inserção escolar das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Lei nº12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de

proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde.** Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtorno do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério Público Federal. **O acesso de estudantes com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular de ensino.** Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva(Orgs). 2ª ed. ver. e atualiz. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

BRASIL **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.** disponível em:<
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>> Acesso em 04 de dezembro de 2019.

BRASIL – Ministério da saúde. **Linha de cuidado para a atenção integral às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias no sistema único de saúde** . Disponível em:
<http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/autismo_cp.pdf > Acesso em 04 de dezembro de 2019.

Diário oficial da união. Legislação informatizada - **lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012** . Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>> Acesso em: 18 de Junho de 2019.

FERNANDES, Adriano Hidalgo; SILVA, Rosane Gumiero Dias da Silva. **Formação do professor para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (tea) na rede regular de ensino.** Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf> Acesso em: 06 de Junho de 2019.

LIMA, C. B. **Perturbações do espectro do autismo. Manual prático para intervenção.** Lisboa: Lidel, 2012.

KRINSKY, S. Temas de Psiquiatria Infantil. São Paulo: Guanabara Koogan, 1977.

SCHOPLER, E. **Treinamento de profissionais e pais para a educação de crianças autistas: método TEACCH.** In: GAUDERER, E. C. (org.) **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais.** Brasília: Corde – Coordenadoria Nacional para

Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1993.

_____. Transtorno do Espectro do Autismo como transtorno da memória pragmática: teses cognitivistas e fenomenológicas à luz da filosofia de Henri Bergson. 2010. 212 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VOLKMAR, F.R., KLIN, A. **Questões na classificação do autismo e afins Condições**. Em: VOLKMAR, F.R. et al. Manual do Autismo e Pervasivo Distúrbios do Desenvolvimento, Terceira Edição (Volume 1). Nova Jersey: John Wiley & Filhos, 2005.

SILVA, Geisiane Fernandez. **Método de Alfabetização de Crianças Autistas**.

Disponível em:

<<https://psicopedagogiaonlineparatodos.blogspot.com/2015/05/metodos-de-alfabetizacao-para-criancas.html>> Acesso em 04 de dezembro de 2019.

MONTE, Francisca R. F. do, SANTOS, Ide B. dos (coord.). **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. *Link:*

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000436.pdf>> Acesso em 04 de dezembro de 2019.

PARANÁ. **Formação do professor para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (tea) na rede regular de ensino** . Disponível em:<

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf> Acesso em 04 de dezembro de 2019.